

## A TEORIA DA ALIENAÇÃO EM HENRI LEFEBVRE E A RENOVAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA GEOGRAFIA

**Gustavo Godinho**

**Benedito**

Doutor em Geografia  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro

**Resumo**

A teoria da alienação exerce um papel central na reconstrução da noção de espaço no processo de renovação epistemológica em Geografia, desencadeado a partir da geografia crítica de viés marxista – uma vez que instaura um movimento de ruptura ontológica e epistemológica no pensamento geográfico – e esse movimento, balizado na atualização da filosofia da práxis (metafilosofia), apresenta repercussões prático-teóricas para além da Geografia, uma vez que nos permite deslocar o olhar do objeto de estudo dessa disciplina para o entendimento das espacialidades da reprodução das relações sociais de produção.

**Palavras-chave:** Espaço, Epistemologia, Alienação, Metafilosofia.

### THE THEORY OF ALIENATION AND THE EPISTEMOLOGICAL RENEW OF GEOGRAPHY

**Abstract**

The theory of alienation plays a role in reconstruction of the notion of space in the process of epistemological renew in Geography, triggered from the critical geography of Marxist bias – once it establishes an ontological and epistemological rupture movement in geographical thinking - and this movement marked in updating philosophy of praxis (mataphilosophy) has repercussions practical-theoretical beyond geography since it allows us to shift the look at the object of study of this discipline for the understanding of spatialities of the reproduction of social relations of production.

**Keywords:** Space, Epistemology, Alienation, Metaphilosophy.

*Endereço eletrônico:*  
[gustavogodinho@msn.com](mailto:gustavogodinho@msn.com)

### Introdução

Lugar onde se manifesta a vida, em seu sentido amplo, o espaço é condição, meio e produto da realização da sociedade (CARLOS, 2011). Se em cada momento do capitalismo foi produzida uma espacialidade inerente às intencionalidades de cada

## **A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia**

Gustavo Godinho Benedito

momento histórico, torna-se necessário compreender os múltiplos processos, práticas e ideias que produzem o espaço com características que o torna, em determinados períodos da história, com sentidos específicos. Ao mesmo tempo, desvendar o mundo a partir da espacialidade das relações sociais implica compreender seus sentidos prático-teóricos, configurando, historicamente, “imaginações geográficas” (MASSEY, 2008) abertas ao *possível* ou “imaginações geográficas” que anulam o potencial político do espaço.

Destarte, desvendar o mundo a partir da espacialidade das relações sociais pressupõe o entendimento dos sentidos prático-teóricos da produção do espaço a partir de uma perspectiva crítica radical, enfatizando a necessidade de compreender a totalidade concreta em movimento e, mais especificamente acerca do espaço, libertá-lo de sua velha cadeia de significados.

O caminho para tal entendimento e ruptura epistemológica pode ser através das dimensões social, cultural, econômica, política, ontológica ou epistemológica, por exemplo. Propõe-se, neste trabalho, o resgate da filosofia da práxis (metafilosofia) em Henri Lefebvre como caminho investigativo, o qual fornece subsídios teórico-metodológicos essenciais ao entendimento da espacialidade das relações sociais, assim como pressupostos filosóficos fundamentais para a reconstrução dos sentidos da produção do conhecimento na história do pensamento geográfico mediante o entendimento das contribuições da teoria da alienação para esse processo.

### **A Centralidade da Teoria da Alienação na Reconstrução Epistemológica do Espaço a partir da Metafilosofia**

O discurso teórico, em qualquer ciência parcelar, é determinado por duas condições essenciais: a primeira é a epistemológica, associada à cientificidade inerente à produção do conhecimento e ao seu caminho auto-reconstrutor – assim como a legitimidade em um determinado campo do saber e por uma comunidade científica –; a segunda é contextual, associada a problemáticas reais, circunscritas em fatos objetivos os quais são os pontos de partida da comunidade científica em questão.

O discurso científico, resultado e fundamento da ação empreendida por um conjunto de autores com elementos nucleares de um determinado campo do saber,

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

torna-se teórico no momento em que explicita as preocupações da primeira condição essencial e da segunda condição essencial, indissociavelmente; teoria e prática como fundamentos onto-epistemológicos da produção do conhecimento: eis o ponto central para pensar a análise da centralidade de uma teoria em qualquer reconstrução epistemológica.

Em outras palavras, parte-se de um pressuposto inerente às análises acima: não se pode considerar teórico o discurso que só se limite à descrição da realidade. Considera-se teórico pois se insere dentro do desenvolvimento de uma determinada corrente filosófica, assim como imanente a determinado campo do saber científico; filosofia e ciência retroalimentando-se como essencial para a construção da cientificidade de determinada ciência parcelar.

Percebe-se, pois, que é o desenvolvimento histórico de uma ciência e a contínua relação entre teoria e prática dessa ciência que diacronicamente constroem uma teoria. Em outras palavras, é a inserção diacrônica de um escopo específico de uma disciplina em determinada corrente filosófica que permite indicar que um discurso teórico seja científico e que uma determinada teoria seja balizadora do desenvolvimento da cientificidade dessa ciência. Pela mesma via, a corrente filosófica a qual foi fundamento da construção desse conhecimento alterou-se/atualizou-se no bojo desse processo de reconstrução epistemológica de uma determinada ciência parcelar.

A teoria geográfica, por exemplo, é produto da história da disciplina – com suas rupturas e continuidades, práticas, grupos e campos de análise – assim como das correntes filosóficas as quais foram balizadoras do seu desenvolvimento – e as teorias (“externas” à Geografia) que foram centrais na reconstrução do pensamento geográfico e que fizeram com que certos temas e conceitos geográficos ganhassem existência concreta no saber/fazer dessa disciplina, mas também ganhassem existência muito além dos muros dessa ciência parcelar; fronteira epistemológica e não campo epistemológico como expressão da reconstrução em questão.

Destarte, torna-se possível falar em atualização da metafilosofia a partir da teoria da alienação e de sua reconstrução (da teoria da alienação e, por conseguinte,

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

da metafilosofia) na renovação epistemológica promovida pela Geografia Crítica. Vejamos sua atualidade.

Como assinala Edgar Morin, uma teoria não é o conhecimento; permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada. É a possibilidade de uma partida. Tal movimento instaura-se incessantemente a cada vai-e-vem entre ciência, teoria e corrente de pensamento, em uma renovação múltipla e ininterrupta. Somente com tais pressupostos e delineando tal movimento, mediante atualizações, pode-se reconstruir o pensamento sem as degradações – doutrinária, tecnicista e pop-degradação - de que tanto fala o autor. Toda teoria dotada de alguma complexidade só pode conservar a sua complexidade à custa de uma recriação intelectual permanente.

Acrescentamos, corroborando com o autor, que toda teoria amparada na metafilosofia só pode conservar a sua complexidade à custa de uma recriação intelectual permanente das fronteiras epistemológicas de determinada disciplina; pressuposto da metafilosofia assim como da prática de sua atualização.

Partamos, então, da teoria da alienação como elemento central da metafilosofia e da renovação epistemológica da Geografia através da Geografia Crítica, em especial a partir da perspectiva de Henri Lefebvre (em diálogo com Marx).

O termo “crítica” certamente possui muitos sentidos. Entretanto, sua essência aponta para o fato de que não é possível mostrar como as coisas são, senão a partir de como deveriam ser. Nesse sentido, crítica revela o possível do real. Um ponto de vista, ou melhor, uma *visão de mundo crítica*, nesse sentido, está associada ao pressuposto utópico de perceber que o que existe está como inacabado, e se inacabado, está prenhe de possibilidades outras. Tal ideia representa a totalidade concreta em movimento ao mesmo tempo em que apresenta para a construção da crítica científica à ideia de que não existe a possibilidade de uma epistemologia neutra, a qual cristalizaria o real em uma reflexão sobre campo científico e análise estrutural da cientificidade da ciência; práxis e epistemologia política, em relação dialética.

No bojo dessa discussão – e dessa perspectiva acerca da historicidade da produção do saber científico e filosófico - inscreve-se uma visão de mundo ampla e desenvolvida por inúmeros autores da chamada “teoria crítica”, expressão cunhada

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

pelo alemão Max Horkheimer (Escola de Frankfurt) e que nos baliza para pensar uma amálgama de perspectivas as mais diversas e que tem um elo entre si no que concerne à produção do conhecimento: contrastando com a teoria tradicional – associada ao positivismo – a teoria crítica é comprometida com a emancipação humana e a realização de uma transformação radical na realidade na forma com que produzimos o conhecimento.

Assim, pode-se afirmar que somente a metafilosofia, inscrita na visão de mundo crítica (pois amparada no desenvolvimento da teoria crítica), permite-nos apresentar possibilidades de entendimento da alienação como central na renovação epistemológica da Geografia (Crítica) e, assim, desvendar caminhos que foram delineados no processo de construção de uma epistemologia política<sup>1</sup> em Geografia.

“A crítica radical da filosofia, que traz sua verdade social e prática, liga-se, pois, a uma crítica radical do Estado” (LEFEBVRE, 1967, p. 78): eis os dois elementos nucleares da teoria da alienação balizadores da reconstrução epistemológica em Geografia.

Vale salientar que para entender a centralidade da teoria da alienação a partir da metafilosofia delineada por Henri Lefebvre é fundamental reconhecer que em *Metafilosofia* (LEFEBVRE, 1967), assim como em inúmeras obras do autor (LEFEBVRE, 1955, 1967, 1968, 1977a, 1977b, 1979, 1989, 1991a, 1991b, 1999, 2001, 2002, 2006, 2008, 2009), os aspectos/fundamentos apresentados por Marx nos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844 (MARX, 2004) foram essenciais para a construção categorial de Lefebvre, em especial, a concepção de “transcendência positiva da

---

<sup>1</sup> Sobre esse termo, salientamos que “a teoria de Marx analisa implicitamente como social a condição de (*auto*)conhecimento. (...) Essa teoria sócio-histórica do conhecimento não se restringe ao exame das determinações sociais e históricas das condições subjetivas de percepção e conhecimento. Embora a teoria crítica de Marx rejeita a possibilidade de conhecimento absoluto, ela não implica uma espécie de epistemologia kantiana social e historicamente relativizada, pois busca compreender a constituição de formas de objetividade social, com suas formas conexas de subjetividade. A crítica marxiana, portanto, não implica uma teoria do conhecimento, no sentido próprio, mas sim uma teoria da constituição de formas sociais historicamente específicas que são simultaneamente formas de objetividade e subjetividade sociais. No âmbito dessa teoria, as categorias de apreender o mundo e as normas de ação podem ser vistas como ligadas na medida em que ambas, em última análise, são baseadas na estrutura das relações sociais. Essa interpretação sugere que a epistemologia se torna, na teoria de Marx – e no desenvolvimento da teoria crítica – radical como epistemologia social. (POSTONE, 2014, p. 253, grifo nosso). O que abordamos como “epistemologia política” é o mesmo que o autor apresenta como epistemologia social.

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

autoalienação” mediante o conceito de *Auphebung*, o qual significa transcendência ou superação pela elevação a um nível superior. Tal elemento é nuclear pois é base para pensar o possível em Lefebvre, assim como a instauração do cotidiano e a cotidianidade, a reprodução das relações sociais de produção e o direito à cidade – e à produção do espaço.

Não pretendemos afirmar que ocorreu uma apropriação por parte de Henri Lefebvre dos *Manuscritos* de Marx de forma clara, explicitada e simplista. Parte-se do pressuposto de que na historicidade do que aqui chamamos de teoria crítica, ou mesmo no desenvolvimento da metafilosofia, tais laços são inerentes justamente porque são fundamentos onto-epistemológicos da metafilosofia (filosofia da práxis), o coração do materialismo histórico-dialético. Segundo Mészáros (2016), o conceito marxiano do termo – *Auphebung* – é a chave para compreender a teoria da alienação e não o inverso. Em outras palavras, é a possibilidade de superação da alienação – mais à frente leremos o “possível” de Lefebvre como “transcendência positiva da autoalienação” – que permite o entendimento da perspectiva de Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* – e da construção categorial de Henri Lefebvre – e não o inverso. Nesse sentido, enfatizamos mais uma vez: trata-se de uma *visão de mundo crítica*.

Tendo como pressuposto a crise estrutural do sistema do capital, a visão de mundo delineada pela teoria crítica refere-se à alienação como perda de controle, como estranhamento e como privação/negação do possível mediante a categoria trabalho, mas, também, outros nexos categoriais.

### A Metafilosofia de Henri Lefebvre e a Teoria da Alienação

Deslocando o olhar da esfera da produção *strictu sensu* para o entendimento da alienação em sua totalidade, em uma perspectiva dialética da alienação, Henri Lefebvre busca analisar a relação entre mediações e totalidade a partir da *re-produção das relações sociais de produção* em sua conexão com uma noção mais ampla de produção do homem no capitalismo, mediante a *produção (social) do espaço (social)*. Partindo da concepção de que, diferentemente de outros filósofos – Espinosa, por exemplo –, Lefebvre não sistematiza, não fecha seu nexo categorial em um sistema

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

coeso e fechado, com escólios e elucubrações finalizadas em um único momento de sua obra. Como dialético não dogmático e não estruturalista, Lefebvre apresenta – assim como Walter Benjamin, Gramsci e outros – o possível como orientação do entendimento do real; a filosofia da práxis (vista por Lefebvre como metafilosofia) como sua lupa.

Portanto, na trajetória do autor em Lefebvre (1955, 1967, 1968, 1977a, 1977b, 1979, 1989, 1991a, 1991b, 1999, 2001, 2002, 2006, 2008, 2009) podemos perceber elementos centrais na constituição não de um sistema fechado acerca da alienação, mas de um conjunto de argumentos, conceitos e noções não fragmentadas, pois amparadas, segundo este trabalho, em um nexos epistemológico aglutinador o qual erigirá as abordagens dos *Manuscritos econômico-filosóficos* em um novo e atual patamar, em uma jogo de constante atualização amparado no movimento da totalidade concreta: o conceito de reprodução das relações sociais de produção.

O conceito de reprodução das relações sociais de produção foi construído por Lefebvre como um instrumento intelectual para análise crítica do real o qual possui alcance global e sintético, para o estudo da sociedade capitalista em sua totalidade. Engloba o sentido delineado por Marx de produção e o ultrapassa dialeticamente, atualizando-o.

A questão das relações de produção e da sua reprodução não coincide com a da reprodução, segundo Marx, dos meios de produção, nem com a da reprodução ampliada. Está fora de dúvida que, para Marx, a reprodução dos meios de produção e a continuidade da produção material vão a par com a reprodução das relações sociais. São aspectos inseparáveis de um processo que comporta simultaneamente movimentos cíclicos e lineares, a saber, nexos de causas e efeitos, mas também resultados que geram de novo as suas condições e razões. (LEFEBVRE, 1973, p. 8).

Nesse sentido, Lefebvre utiliza o termo *re-produção* como forma de enfatizar que se trata tanto da reprodução no sentido de um processo repetitivo, quanto da criação de novas relações, a partir do movimento contraditório do real.

Este é um outro ponto, igualmente central, e uma problemática que não exclui a precedente, mas que não se compatibiliza com ela. Quem diz *produção*, diz também *reprodução*. Isso tem vários níveis e aspectos: o *biológico e demográfico* (reprodução da condição essencial do trabalho: os trabalhadores) – *tecnologia* (reprodução dos meios de produção, ferramentas e máquinas, saber e técnicas, organização do trabalho) – *econômico* (reprodução dos objetos da troca, das relações da troca) – e enfim *sócio-política* (reprodução ou não das relações sociais de produção,



# A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

portanto, de propriedade). Se aceitarmos essa análise, é evidente que os conflitos no interior da produção entre a mudança das relações (sociais de produção) e a reprodução são inevitáveis. As mudanças só podem se completar através da reprodução; isso pode se confirmar na reprodução do Mesmo (“do similar ao mesmo”, diz a linguagem corrente), nas relações existentes, o “real”. Ou, inversamente, *produzir* (inventar ou criar) novas relações. Dito de outro modo, o diferente sai (nasce) do idêntico; e o devir passa pelo (através do) repetitivo. Paradoxo? Sim: dialético. O que acontece ou não, o que advém ou não, depende de uma conjuntura, que tem sucesso ou fracassa em romper a estrutura. No conjuntural, há uma sorte de acasos e uma parte de decisões (de inteligência, iniciativas individuais, conhecimento ou desconhecimento). Portanto, uma parte de imprevisto: desafios e probabilidades. Portanto, bifurcações, retrocessos (possíveis) e ainda catástrofes eventuais, segundo a teoria do devir por metamorfoses. (LEFEBVRE, 2016, p.3).

Destarte, Lefebvre desloca o olhar da reprodução dos meios de produção para um *locus* muito mais amplo e complexo, a re-produção das relações de produção a partir da produção do espaço, numa contraposição clara com as interpretações estruturalistas que até então colocavam acento no modo de produção e não nas relações de produção.

Em *Espaço e Política*, em torno de um ano antes de ser publicado *A re-produção das Relações de Produção* (LEFEBVRE, 1973), Lefebvre (2008, p. 47) já assinalara, em objeção (dialética) à terceira hipótese (demonstrada no capítulo anterior) - a qual apresenta o espaço como um instrumento político intencionalmente manipulado, assim como a veiculação entre representação do espaço e sua instrumentalização abstrata-concreta, vinculado à reprodução da força de trabalho no contexto de uma sociedade burocrática de consumo dirigido no quadro da organização da sociedade neocapitalista - que

essa vinculação à produção, do espaço em geral e do espaço urbano em particular, abrange somente a produção dos meios de produção, dos quais faz parte a força de trabalho. Ora, essa hipótese convém ao capitalismo do século XIX, ao capitalismo concorrencial, cujo problema principal era re-produzir materialmente seus meios de produção (máquinas e força de trabalho) e permitir o consumo dos produtos, ou seja, a compra do mercado. Sistema contratual (o contrato de trabalho), sistema jurídico (o código civil e o código penal) quase bastavam para assegurar, com a venda da força de trabalho, essa re-produção dos meios de produção. É claro que nessas condições o espaço era, então, simplesmente funcional e instrumental. A cidade tradicional tinha, entre outras, essa função de consumo, complementar à produção. Mas a situação mudou: o modo de produção capitalista deve se defender num *front* muito mais amplo, mais diversificado e mais complexo, a saber: a *re-produção das relações de produção*. Essa re-produção das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos



## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

lazer e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro.

Em outras palavras, parte-se do pressuposto de que o que aglutina as categorias de alienação e produção do espaço em Lefebvre é essa nova chave analítica delineada em sua obra.

Nesse sentido, cabe a análise de uma genealogia dessa percepção, a qual pode ser tomada como princípio virtual “norteador” da obra de Lefebvre, assim como os *Manuscritos de 1844* foram para Marx, por exemplo.

Originalmente publicado em 1940, na França, “O materialismo dialético” (LEFEBVRE, 2009) – descrito pelo próprio Lefebvre no prefácio à sua quinta edição francesa, em 1961 – é fruto de um momento histórico o qual conjectura-se como luta dentro da corrente marxista de pensamento e fora dela (diante da perseguição do período stalinista aos dialéticos, no sentido de simplificar o marxismo e esvaziar o seu verdadeiro sentido dialético).

Nesse livro, Lefebvre propõe um retorno à dialética, um retorno à Marx, em especial aos escritos de sua juventude intitulado *Manuscritos econômico-filosóficos*, visando superar a perspectiva mecanicista, estruturalista e determinista da dialética. Mas não somente estabelece uma crítica metodológica, ele apresenta como elemento onto-epistemológico de Marx – e por conseguinte de seu projeto – a práxis como central (posteriormente resgatada com maior ênfase epistemológica em *Metafilosofia*).

Colocando a atividade prática na base do conhecimento como relação sujeito-objeto (como apresentado nos *Manuscritos*), Lefebvre não vai resgatar Marx apenas para a construção de uma nova forma de abordar a dialética ou mesmo fortalecer seus argumentos em sua luta “interna e externa” (no contexto no qual escreve seu livro), mas, principalmente, a partir do resgate da concepção de Marx de que a consciência é produto social, resultado da atividade humana<sup>2</sup>, mediada pela autoalienação do trabalho visto como atividade autoalienada. Ele irá erigir a teoria da alienação de Marx

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

em um novo patamar; resgate e atualização da noção de produção em Marx a partir da re-produção das relações sociais de produção.

O processo de objetivação de si do ser humano no mundo e de construção de (im)possibilidades de apropriação desse mundo de forma plena pelo ser humano é um processo passivo e ativo, resultado e produto da perda de seu objeto, de seu produto, assim como de si. Afirmar a alienação não é negar o caráter objetivo da produção humana mediada pela atividade, mas sim demonstrar a inversão real entre sujeito e objeto; reificação.

A atividade autoalienante, a partir da produção da historicidade do homem em sua relação com a natureza mediada pelo trabalho, pois, se coloca como um objeto: atinge a si mesma, torna-se consciente de si mesma e age sobre si mesma através do objeto. Isso acaba com a oposição entre sujeito e objeto delineada pela metafísica ou pela perspectiva idealista, se construindo, nessa objetividade que é superior e mais complexa à objetividade natural, tanto uma nova forma de pensar a re-produção de sua existência – assim como a objetividade de sua autoalienação – como uma nova forma de olhar para si como reificado e as possibilidades de transcendência positiva da autoalienação tomada mediante o possível que é o *homem total* para Lefebvre; práxis.

Em qualquer produto, “os aspectos subjetivos e objetivos, a atividade e o objeto, estão intimamente ligados. Cada produto é, portanto, voltado em uma direção para a Natureza, e em outro para o homem” (LEFEBVRE, 2009, p. 107). A dialética objetividade-subjetividade da produção da realidade do homem está relacionada à ideia de que todo produto é ao mesmo tempo concreto e abstrato, pois no processo de atividade, as transformações dos objetos não se encontram isoladas, tampouco os objetos estão isolados em si, mas fazem parte de um conjunto de relações as quais não são determinadas somente pelas suas características naturais intrínsecas – ou mesmo determinadas somente pelas as ações pontuais de reconstrução disto ou daquilo – mas fazem parte de um conjunto de relações sociais re-produzidas.

Os produtos da atividade do homem inserem-se na linguagem, no discurso, nos planos etc. Ao mesmo tempo, continuam fazendo parte de uma natureza já

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

transformada e ressignificada, assim como estabelecem uma relação intrínseca com a atividade humana, já ressignificada e transformada por mediações criadas por ele.

Mediante a ação do homem – com suas mediações criadas e seu sistema de técnicas as quais mediam a sua relação com a natureza– sua consciência é formada. Consciência fragmentada, estranhada e dissociada da compreensão e, principalmente, da verdadeira *apropriação* objetiva e subjetiva de seus produtos; estranhamento.

Em outras palavras, dialogando com os *Manuscritos*, percebe-se que o produto do homem torna-se estranhado a ele e ao mesmo tempo o homem se estranha como parte do processo de transformação da natureza e de si mesmo. Resultado da “exteriorização objetiva do ser humano”, seu produto existe fora dele, e “estranho a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, e a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha”. (MARX, 2004, p. 81).

É a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma atividade estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele (Marx, 2004, p. 83).

Seus produtos lhe foram subtraídos, assim como sua humanidade.

O “humanismo materialista” de Lefebvre em *Materialismo dialético* irá beber da teoria da alienação de Marx para encontrar um horizonte o qual norteia a utopia Lefebvriana em suas obras seguintes, baseada na inscrição da teoria da alienação na filosofia da práxis (posteriormente vista como metafilosofia).

Como salienta Stefan Kipfer no prefácio da edição de *O materialismo dialético* (LEFEBVRE, 2009, p. 22),

A noção abrangente de práxis de Lefebvre representa o ponto de partida para o final, o terceiro componente do livro, ‘*A Produção do Homem*’. Lá, ele fornece uma formulação materialista do humanismo que empresta liberalmente as próprias visões de Marx nos *Manuscritos de 1844*. Conseqüentemente, o ‘homem’, enquanto um ser natural e biológico de coração, cria ‘sua própria natureza agindo sobre a natureza’. A chave desse processo de produção do homem é a atividade do trabalho humano, que em suas várias encarnações articula física e espiritualmente, dimensões objetivas e subjetivas da existência. O trabalho humano forma a base da

# A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

consciência, que, como uma ‘atividade de integração’, não é um reflexo mecânico das forças materiais, mas se torna parte integrante da produção e do próprio metabolismo da natureza humana. Pondo a consciência junto com a própria dinâmica do trabalho humano, Lefebvre tem o cuidado de distinguir noções amplas e estreitas de "produção". Ele alerta que ‘a atividade de produção e trabalho social não deve ser entendida apenas em termos do trabalho não especializado do trabalhador manual’. Fazer isso seria perder aspectos criativos ou ‘poéticos’ da produção e aceitar a historicamente específica noção produtivista de produção como um dado trans-histórico. A noção de Lefebvre de humanidade produzida não deve, portanto, ser confundida com o homo faber, aquela criatura de condições desumanas que reduz a capacidade humana a atividades instrumentais ‘puramente utilitárias’. (...) o ‘humanismo materialista’ de Lefebvre introduz uma visão de ‘homem total’. Para dialogar com os *Manuscritos* de Marx, o homem total se apropria totalmente de seus múltiplos potenciais e capacidades variadas. Como ‘homem desalienado’, o homem total é mundos à parte do "homem econômico" ou *homo faber* realmente existente (LEFEBVRE, 2009, p. 22).

A partir dos *Manuscritos*, Lefebvre irá traçar um sentido ontológico do homem – a partir da negação das mediações de segunda ordem e da constituição do “homem total” – não somente a partir de um pressuposto ético-político que parte do “deve”, mas sim do “é/está”, na totalidade concreta em movimento (totalidade social). Assim como Marx, seu “materialismo humanista” irá apresentar que epistemologicamente a inversão parte-todo na acepção dos economistas políticos é um passo fundamental para a construção da naturalização da alienação – inerente ao *homo faber* – e, é claro, irá propor uma nova concepção epistemológica a qual será fundamental para um novo entendimento do real e das possibilidades de humanização do homem.

## Considerações Finais

Para pensar a renovação epistemológica em Geografia a partir da teoria da alienação, evidenciou-se que Lefebvre desloca o olhar da reprodução dos meios de produção para um *locus* muito mais amplo e complexo, a *re-produção das relações de produção* a partir da *produção do espaço*, numa contraposição clara com as interpretações estruturalistas que até então colocavam acento no modo de produção e não nas relações de produção.

Convém ressaltar que Lefebvre não nega a importância do conceito de modo de produção, apenas apresenta um novo sentido para a sua compreensão na totalidade da obra de Marx. Entende-se, aqui, que a re-produção das relações de

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

produção na produção do espaço possibilitam dois caminhos mais ricos e mais condizentes com o pensamento de Marx: por um lado o entendimento (epistemológico) da totalidade social. Por outro, o entendimento (ontológico) da contradição entre humano e inumano, na construção das possibilidades concretas de transcendência positiva da autoalienação.

Possuindo um alcance “global e sintético (LEFEBVRE, 1973, p.6) para a compreensão da produção e reprodução da existência no/do capitalismo, a centralidade desse conceito reside no fato de abarcar a totalidade das relações de produção – não se limitando a este ou aquele aspecto da reprodução da sociedade de forma isolada – assim como no ato de deslocar o olhar da atividade vista somente a partir da concepção do homem econômico (LEFEBVRE, 2009) ou mesmo a partir mediações de segunda ordem (sem um referencial onto-epistemológico, como fizeram os economistas políticos, filósofos positivistas etc.) para a atividade vista de forma contraditória, no diálogo conflituoso entre “o humano e o inumano”, na constituição do *homem total*.

Como salientado pelo autor, o conceito de *re-produção das relações de produção* é uma “constelação de conceitos” (LEFEBVRE, 1973, p.5), na qual se insere o urbano, o cotidiano, o espaço e a produção do espaço, conceitos nucleares da renovação epistemológica em Geografia a partir da Geografia Crítica.

Nesse sentido, re-produção é concebida de maneira muito mais ampla, associada à totalidade concreta em movimento (totalidade social) – produção, portanto, ideológica, concreta, cultural, social etc.; produção do espaço, no sentido de Lefebvre (1991)<sup>3</sup>.

Um dos grandes saltos qualitativos de Lefebvre em sua interpretação de Marx – no que concerne à noção de produção e de sua íntima relação com a noção de reprodução das relações sociais de produção e seus vínculos com a noção de alienação – em *Espaço e Política* e em *A produção do Espaço* – será a observação de que o

---

<sup>3</sup> Resgatando a quarta hipótese de *Espaço e Política*, Lefebvre (2008, p.48-49) ratifica tais ideias ao afirmar que “é preciso tomar como referência a reprodução das relações de produção, e não a produção no sentido estrito dos economistas (...) Trata-se da produção no sentido amplo: produção de relações sociais e re-produção de determinadas relações. É nesse sentido que o espaço inteiro torna-se o lugar dessa reprodução”.

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

processo de produção de mercadorias se realiza não somente dentro da empresa ou mesmo no processo de circulação (como amplamente trabalhado por Marx nos *Grundrisse* e n' *O Capital*), mas, também, num complexo de produções as quais se realizam e se reproduzem na *totalidade social*. Incorporando, cooptando e dominando os mais diversos espaços-tempos da vida, o mundo da mercadoria extrapola o processo produtivo, pois é inerente à valorização a re-produção do espaço como mercadoria, em distintas escalas e esferas da vida social. Nesse ínterim, objetivação e subjetivação emergem como co-constitutivas da reprodução das relações sociais de produção e da produção do espaço, fazendo com que consciência e mundo material, representação e materialidade sejam elementos de um mesmo processo, o de produção alienadora do espaço.

Nesse processo, o espaço, visto como meio, condição e produto da reprodução das relações sociais de produção, assim como produto-produtor de uma sociedade alienada-alienadora – a qual toma porventura consciência de que as mediações de segunda ordem asseguram a sua re-produção – emerge como *locus* da reprodução ampliada do capital, como forma de sua permanência, transformação e sobrevivência, assim como possibilidade – na dialética objetivação-subjetivação – de sua negação (da reprodução do capital), mediante a prática espacial.

Sob esses termos, Lefebvre indica que a compreensão da história a partir da segunda metade do século XX (período em que se encontram os livros *Espaço e Política* e *A produção do Espaço*) nossa perspectiva deve considerar não somente a “dialética do tempo”, mas sobretudo a “dialética do espaço”, a partir da consideração da produção do espaço inscrita na reprodução das relações sociais de produção.

O que Lefebvre descobre e revela é que a “produção do espaço ganha centralidade no processo de reprodução da sociedade a partir desse momento da sociedade” (CARLOS, 2017).

Certamente as categorias cotidiano, urbano, possível e alienação presentes em Lefebvre (1958, 1991b, 1999, 2001, 2002) foram importantes para essa direção tomada pelo autor, de forma epistemológica em Lefebvre (2001a, 2008), por exemplo. O que sublinhamos neste momento é que a *produção do espaço* passa a ser central para o autor e conjectura-se como fundamental para o entendimento da *totalidade social*, já

## A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia

Gustavo Godinho Benedito

que a produção do espaço passa a ser vital para o entendimento da re-produção das relações sociais de produção e, assim, inaugura-se uma nova possibilidade de entendimento do mundo mediante a construção de uma epistemologia política do espaço.

A noção de *re-produção do espaço*, mediante a generalização do mundo da mercadoria e na contradição entre dominação e apropriação, permite-nos, portanto, deixar de focar somente a noção de *acumulação* – mais diretamente ligada à produção do valor – para abranger a noção de *reprodução* – a qual possibilita o entendimento da reprodução social do espaço, com toda sorte de contradições inerentes à prática espacial no cotidiano, em lugares concretos, nas dimensões material e imaterial da produção do espaço, indissociavelmente, em distintos níveis e escalas na/da produção do espaço.

### Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A reprodução da cidade como “negócio”. In CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARRERAS, Carles. **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo, Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A privação do urbano e o “direito à cidade” em Henri Lefebvre. In: **Justiça espacial e o direito à cidade**. São Paulo: Contexto, 2017.

ELDEN, Stuart. **Understanding Henri Lefebvre: Theory and the possible**. New York: Continuum, 2004.

LEFEBVRE, Henri. La notion de totalité dans les sciences sociales. **Cahier Internationaux de Sociologie** (Nouvelles Série), (18), 1955.

LEFEBVRE, Henri. **Crítica de la vie cotidiana 1 - Introduction**. Paris: L'Arche Éditeur, 1958.



**A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia**

Gustavo Godinho Benedito

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

LEFEBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. São Paulo: Forense, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **A Re-produção das Relações de Produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

LEFEBVRE, Henri. A “práxis”: a relação social como processo. In: **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. São Paulo: LTC, 1977a.

LEFEBVRE, Henri. Estrutura social: a reprodução das relações sociais. In: **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. São Paulo: LTC, 1977b.

LEFEBVRE, Henri. **O marxismo**. São Paulo: Difel, 1979.

LEFEBVRE, Henri. Urbano (O). In: LEFEBVRE, Henri. **Le retour de la dialectique: 12 mots clef pour le monde moderne**. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1986.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford, UK: Blackwell, 1991a.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Nobel, 1991b.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of everyday life. Volume II – foundations for a sociology of the everyday**. New York: Verso, 2002.

LEFEBVRE, H. **La Presencia y La Ausência: contribución a la teoría de las representaciones**. México: Fundo de Cultura Econômica, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **Dialectical materialism**. Minnessota : Minnessota press edition, 2009.

LEFEBVRE, Henri. Produção e re-produção. **Espaço e economia – Revista brasileira de geografia econômica**. Ano IV, N.8. Tradução de Márcio Rufino Silva. 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

**A Teoria da Alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da Geografia**

Gustavo Godinho Benedito

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011a; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011a.

MARX, Karl. **O capital. Vol. I**. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. **O conceito de dialética em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2015.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2014.

Recebido em 10 set. 2020;  
aceito em 20 set. 2020.